

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
DO CINEMA DE ESTADO AO CINEMA FORA DO ESTADO: GUINÉ-BISSAU
14 de Maio de 2024

O REGRESSO DE AMÍLCAR CABRAL / 1976

Um filme de Sana na N'Hada, Flora Gomes, José Bolama Cubumba, Djalma Martins Fettermann, Josefina Lopes Crato

“Um filme feito por”: Sana na N'Hada, Flora Gomes, José Bolama Cubumba, Djalma Martins Fettermann, Josefina Lopes Crato / Imagens de Amílcar Cabral em 1969 por Rudi Spee / Colaboração de Ingela Romare, Lennart Malmer / Fotografias: Arquivo do PAIGC e amigos.

Produção: Conselho Nacional da Cultura da República da Guiné-Bissau (Guiné-Bissau, Suécia) / Cópia: do Arsenal, DCP (transcrito do original em 16 mm), versão original falada em português / Duração: 33 minutos / Primeira apresentação na Cinemateca: 6 de Outubro de 2022, Ciclo “A Cinemateca com o Doclisboa: A Questão Colonial”.

RECONSTRUÇÃO, EDUCAÇÃO / 1978

Um filme de Serge Michel, Flora Gomes, Sana na N'Hada, José Bolama Cubumba, Josefina Lopes Crato, Dabana Piki

Realização: Serge Michel, Flora Gomes, Sana na N'Hada, José Bolama Cubumba, Josefina Lopes Crato, Dabana Piki / Montagem: Tizianna Faggiani, Flora Gomes.

Produção: Instituto Nacional de Cinema (Guiné-Bissau) / Cópia: em ficheiro (transcrito do original em 16 mm), versão original falada em português, legendada em inglês / Duração: 18 minutos / Primeira apresentação na Cinemateca.

AVISO: Como é explicado no seu cartão inicial, a cópia de **O Regresso de Amílcar Cabral** resulta de um complexo e provisório processo de digitalização, pelo que é excepcionalmente apresentada com as perfurações e banda de som a ladear a banda de imagem. Ambas as cópias apresentam problemas de som, ao nível de um ruído de fundo constante.

Simbolicamente, a abrir este Programa exibimos **O Regresso de Amílcar Cabral**, o primeiro filme assinado colectivamente por cinco cineastas de origem guineense formados em Cuba – Sana na N'Hada, Flora Gomes, José Bolama Cubumba, Djalma Martins Fettermann, Josefina Lopes Crato – realizador em 1976.

Presta-se aqui a devida homenagem Amílcar Cabral, salientando importância que este teve para a afirmação das ex-colónias portuguesas enquanto nações autónomas, ao mesmo

tempo que se sublinha como a Guiné-Bissau foi a primeira ex-colónia a ver a sua independência reconhecida por Portugal, ainda em Setembro de 1974, um ano depois de o movimento de libertação (o PAIGC) já ter declarado unilateralmente a independência do país, reconhecida internacionalmente por muitos outros países. Como se canta neste primeiro filme da sessão, numa música que se tornou famosa e que refere a “imortalidade” de Cabral, “Amílcar Cabral tu morreu cedo, mas libertaremos a Guiné e Cabo Verde”. Trata-se de “Bu morri cedo”, canção composta três dias após a notícia da morte de Cabral por Tony Lima, músico implicado na luta de do PAIGC.

O Regresso de Amílcar Cabral retrata a transladação dos restos mortais de Cabral de Conacri, onde foi assassinado em 1973, para Bissau já em 1976, intercalando imagens do Funeral de Estado, com importantes imagens de arquivo de Cabral durante a luta da libertação. Imagens e sons que, pelo modo como revelam a inteligência e o carisma de Amílcar Cabral enquanto este discursa perante as tropas e o seu povo, lhe prestam uma justíssima homenagem como pensador, combatente, político e como uma das grandes figuras da História. Percebemo-lo no seu muito carismático discurso sobre o Medo, em que Cabral elege o Medo como um dos grandes males a combater, ao mesmo tempo que enaltece a importância da figura do Professor na frente da luta, salientando também o papel de uma aposta nas manifestações culturais e das línguas locais no contexto das lutas da libertação.

Manifestações deveras evidentes neste e noutros filmes, que se revelam aqui no canto, na dança, no cinema, no próprio ensino, e em tantas outras formas artísticas que não só contribuíram para a libertação de um povo do domínio estrangeiro (neste caso português), como para a afirmação contínua da sua identidade, por contraponto à cultura do colonizador. Ideia que reencontramos, por exemplo, nos filmes que a cineasta Sarah Maldoror, próxima de Amílcar Cabral, realizou na Guiné-Bissau e em Cabo Verde em 1979, e que mostrámos numa retrospectiva da sua obra em 2021 na Cinemateca. Filmes patrocinados pelos respectivos governos, que se centram sobretudo nas tradições culturais destas duas novas nações em processo de consolidação, em que Maldoror explorava o significado de uma identidade africana através das festas e manifestações populares. E é em **À Bissau, Le Carnaval** (Maldoror, 1980 – que contou com a colaboração de Sana na N’Hada) que Luís Cabral, irmão de Amílcar, que assumiu a liderança com a sua morte, prossegue as palavras de Amílcar Cabral atrás citadas: “foi a capacidade de resistência cultural do nosso povo que nos deu a força necessária para conduzir a resistência política e militar.”

Palavras e filmes que revelam a importância do cinema numa luta transnacional para afirmação de uma defesa continuada de uma cultura negra, que passa pela preservação e restauro de filmes necessariamente escassos, que é fundamental exhibir. Daí a importância de projectos como o desenvolvido pelo Arsenal em Berlim, que permitiu digitalizar este filme (que ainda espera por ser justamente restaurado) e que contou com a participação activa da realizadora e artista portuguesa Filipa César e dos realizadores Suleimane Biai, Sana N’Hada e Flora Gomes. Daí a importância de o mostrar.

*

Reconstrução, Educação é outro dos vários filmes dirigidos por um colectivo de realizadores guineenses pouco tempo depois da independência. Datado de 1978, partilha naturalmente com **O Regresso de Amílcar Cabral** alguns dos seus autores. Recentemente descoberto no Archívio Audiovisivo Del Movimento Operaió e

Democrático e depois digitalizado, **Reconstrução, Educação** documenta o encontro em Bissau dos Ministros da Educação das várias ex-colónias portuguesas, a que se juntaram educadores dos vários países. Uma reunião realizada entre 15 e 24 de Fevereiro de 1978 em que participaram delegações da Guiné, Angola, Cabo Verde, Moçambique, São Tomé e Príncipe e Timor Leste.

Revela-se no filme como a educação era então considerada como “uma frente de luta fundamental” pelo progresso e afirmação das novas nações, prolongando a solidariedade manifestada entre os vários países durante a luta pela libertação nacional. Ou seja, a solidariedade entre “povos irmãos que têm em comum terem tido o mesmo colonizador”, como se afirma a dada altura em **Reconstrução, Educação**. Por outro lado, num momento em que urgia impor um novo sistema educativo, salienta-se a presença no encontro do pedagogo e filósofo Paulo Freire, convidado de honra que realizou várias experiências no domínio da educação, que se traduziram na criação do projecto extremamente importante das Escolas-Piloto – escolas criadas ainda sob o fogo das armas portuguesas.

Em paralelo com os discursos oficiais ou as várias entrevistas do filme, assistimos a actividades desenvolvidas por crianças no contexto escolar, mas também à música ou às danças de adultos. Manifestações da cultura e das tradições locais que reenviam para a necessidade de incorporar na nova escola de aspectos positivos do saber africano, como as danças e as canções, mas também a literatura oral. Aspectos que revelam também a importância do cinema na reabilitação e comunicação de valores de tradição popular e na salvaguarda da identidade linguística e cultural num momento em que no domínio da educação se procura fazer uma necessária síntese entre tradição e modernidade.

Joana Ascensão